

Violencia contra el hombre y comorbilidades: una revisión sistemática de la literatura acerca del abuso de sustancias, ansiedad y depresión

Ana Claudia Ferreira Cezario¹

Laís Lage de Carvalho

Paulo Mateus Elmor

Kayo Henrique de Castro Pereira

Lélío Moura Lourenço

Resumen

Estudios sobre la Violencia Doméstica (VD) señalan la existencia de la violencia contra el hombre perpetuada por su compañera sentimental. Ante eso, el presente artículo pretende realizar una revisión sistemática de la literatura brasilera e internacional con el fin de investigar la prevalencia de este fenómeno. La búsqueda fue realizada en las bases de datos Scielo, Web of Science, Scopus, PubMed y PsycINFO, en las cuales fueron encontrados 101 artículos completos y disponibles. Estos artículos fueron categorizados de acuerdo con el año de publicación, país, número de autores, diseño metodológico, participantes, tipo de violencia, principales víctimas, orientación de género, existencia de intervención y comorbilidades asociadas. Los resultados mostraron un mayor número de producción internacional; resaltando la relación violenta con patrones de depresión, ansiedad y consumo de alcohol y otras drogas. Se evidencia que aún el fenómeno es comparado con la violencia dirigida a la mujer, además de ser encontrado un número reducido de estudios acerca de la “agresión” contra el hombre, por lo que se resalta la necesidad de ampliar las investigaciones en esta área.

Palabras-claves: Violencia Pareja - Ansiedad - Depresión - Alcohol - Drogas

Manifestações da Violência Contra o Homem: Revisão Sistemática Acerca de seus Impactos e Comorbidades

Resumo

Estudos sobre a Violência Doméstica (VD) apontam a existência da violência contra o homem perpetrada por sua parceira. Diante disso, o presente artigo pretendeu realizar uma revisão sistemática da literatura a fim de investigar a prevalência deste fenômeno e suas associações com a ansiedade, depressão e uso de substâncias. O levantamento foi realizado nas bases de dados Scielo, Web of Science, Scopus, PubMed e PsycINFO, onde foram encontrados 101 artigos disponibilizados na íntegra e gratuitamente. Estes foram categorizados de acordo com o ano de publicação, país, número de autores, delineamento metodológico, participantes, tipologia da violência, principais vítimas, orientação de gênero, existência de intervenção e comorbidades associadas. Os resultados apontaram para preponderância de produção internacional e ressaltam a relação da violência com padrões depressivos, ansiosos e consumo de álcool e outras drogas. Nota-se, ainda, se comparado à violência contra a mulher, o pequeno número de publicações que investigam a agressão contra o homem, especificamente, revelando a necessidade da ampliação de pesquisas na área.

Palavras-chave: Violência Pareja - Ansiedade – Depressão – Álcool - Drogas.

Manifestations of Violence towards men: a systematic review of their impact and the co-morbidity

Abstract

Research on Domestic Violence (DV) shows the existence of violence towards men perpetrated by their partners. The aim of the present study was to carry out a systematic literature review in order to research on the prevalence of

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: ana_cfc@yahoo.com.br

this phenomenon and its associations with depression, anxiety and substance abuse. A survey was conducted using the Scielo, Web of Science, Scopus, PubMed and PsycINFO databases, where 101 complete articles were found fully available and free of charge. The articles were categorized according to the publishing year, the country, the quantity of authors, the methodological design, the participants, the kinds of violence, the gender orientation, the existence of intervention and the associated co-morbidities. The outcomes point to the preponderance of the international production highlighting the relationship of the violence with depressive symptoms, anxiety and drug abuse. Compared to violence towards women, the amount of publications approaching violence towards men is smaller, revealing the need of increasing the research in this area.

Keywords: Partner Violence – Anxiety – Depression - Alcohol - Drugs.

Introdução

Em uma conceituação ampla, a violência trata-se da atitude de exercer, com intencionalidade, a força física ou poder, de maneira imediata ou potencial, contra outra pessoa, grupo, ou contra si mesmo, que tenha por consequência implicações psicológicas, físicas, impactos no desenvolvimento ou morte (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi & Lozano, 2002). Neste sentido, o conceito de violência não se restringe às implicações de lesão e morte, estendendo-se a todos os níveis de negligência e opressão, com impactos imediatos ou latentes. Minayo (1994) define a violência como um caminho extremo para a busca da resolução de conflitos, contrapondo-se às noções de diálogo, comunicação e tolerância. Desta forma, indubitavelmente a violência é caracterizada mundialmente como um grave problema de saúde pública.

A Assembleia Mundial da Saúde, em 1996, com o objetivo de desenvolver uma tipologia da violência, convidou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a caracterizar seus diferentes tipos, bem como suas relações (Krug, 2007). Diante disso, estabeleceu, com base nos perpetradores, três tipos de violência: a) a violência autodirigida; b) a violência interpessoal e c) a violência coletiva. A Violência Autodirigida pode ser expressa através do comportamento suicida e da agressão autoinfligida. Enquanto que a Violência Interpessoal se estabelece por meio de agressões entre indivíduos e a Violência Coletiva classifica-se em social, política e econômica.

Segundo Krug (2006), uma das principais causas de morte entre pessoas de 15 a 44 anos é a violência. Dentro da Violência Interpessoal, a Organização Panamericana de Saúde enfatiza que a Violência Doméstica é compreendida como toda atitude de omissão cometida por um membro familiar

estabelecida por relações de poder; afetando desta forma, a integridade psicológica, o bem-estar físico, a liberdade ou o direito ao desenvolvimento integral de outro membro da família (Shrader & Sagot, 2000).

Em relação à natureza dos atos violentos a OMS (Krug et al, 2002) os define enquanto agressões físicas, psicológicas, sexuais e negligência. Já no Brasil, de acordo com a Lei 11.340 de 07 de agosto de 2006, a denominada Lei Maria da Penha, no intuito de expressar uma percepção de violência alinhada com a realidade cultural brasileira, reconhece ainda a violência patrimonial e moral (Brasil, 2006). Caracterizada como conduta que configure subtração, destruição parcial ou total de bens pessoais e na forma de calúnia, difamação ou injúria, respectivamente.

De acordo com os dados do Instituto para a Economia e Paz (Institute for Economics & Peace, 2015), o impacto da violência sobre a economia global em 2014 foi estimado em 14,3 trilhões de dólares, o que representa 13,4% do PIB mundial. Porém, de acordo com Dahlberg:

É difícil calcular o impacto exato de todos os tipos de violência sobre os sistemas de saúde ou seus efeitos na produtividade econômica em todo o mundo. A evidência existente indica que as vítimas de violência doméstica e sexual têm mais problemas de saúde, custos significativamente mais altos de tratamento de saúde e consultas mais frequentes aos atendimentos de emergência durante toda a sua vida do que os que não sofreram tais abusos. (Dahlberg, 2006, p.1172).

À medida que foram se especificando as pesquisas e estudos da violência, exclusivamente

entre casais, novas denominações começaram a ser apresentadas e hoje encontram-se denominações da Violência Doméstica como Violência Conjugal (Alvim & Souza, 2005; Oliveira & Souza, 2006), e em relação à adotada nesta pesquisa, o termo Violência entre Parceiros Íntimos (VPI) (Durand, Schraiber, França-Júnior & Barros, 2011). De acordo com Krug et al. violência entre parceiros íntimos se caracteriza por “qualquer comportamento inserido num relacionamento íntimo que cause prejuízos físicos, psicológicos ou sexuais para os envolvidos nessa relação” (Krug et al, 2002, p. 89).

Antes estudada apenas através da perspectiva da mulher como vítima e do homem como seu respectivo agressor, hoje tais autores (Zaleski, Pinsky, Laranjeira, Mikler & Caetano, 2010) descrevem que o índice de violência entre parceiros, estando o homem na condição de vítima, tem aumentado. Nesta mesma perspectiva, a Associação Portuguesa de Apoio a Vítima, em seu relatório anual de 2014, corroborando seus relatórios anteriores, declara a presença de vítimas de violência do sexo masculino perpetrada por suas parceiras íntimas, presente em 5,9% das vítimas mencionadas (Portugal, 2014).

No que se refere à violência contra o homem praticada por sua parceira, autores, canadenses vão além ao afirmar que os homens estão sujeitos a sofrer agressões semelhantes às perpetradas contra as mulheres, incluindo mesmas taxas e proporções (Dragiewicz & De Keseredy, 2012). Dados que desconstróem a crença de que o homem é sempre o agressor e a mulher a vítima na situação de violência dentro do relacionamento íntimo.

No Centro de Saúde dos Estados Unidos, onde Breiding, Black e Ryan (2008) realizaram um estudo para identificar homens vítimas de violência conjugal por suas parceiras íntimas. Os mesmos afirmaram que 10.7% dos homens norte americanos que frequentavam esta clínica sofriam violência física enquanto que 1.5% haviam sofrido violência sexual. Ambas as agressões, cometidas por suas parceiras íntimas.

No que se refere às publicações que apontaram a violência contra o homem no Brasil, Alvim e Souza (2004) através de um estudo qualitativo, coletaram dados em três capitais brasileiras: Vitória, Rio de Janeiro e Goiânia. Ao todo foram dez sujeitos entrevistados, três mulheres e sete homens. Destes dez indivíduos, quatro formavam dois casais e dividiam moradia, enquanto os outros apenas namoravam. Entre os casais entrevistados, foram investigados os conceitos que os mesmos detinham sobre a violência, o cotidiano

conjugal, as diferenças que possuíam - e que por consequência, dificultam a convivência dos mesmos, os episódios de violência, os sentimentos pós - agressão e as medidas tomadas após a ocorrência do fato. Uma das mulheres entrevistadas disse:

Quando eu vejo que não dá *pra* dialogar, aí eu agrido. Quando ele pára de falar e eu vejo que vou ficar sem resposta, que ele partiu para um lado que é absurdo, que eu não vou ter nem resposta para aquilo, aí eu agrido. (Alvim & Souza, 2004, p. 86).

A pesquisa investigou também os sentimentos dos agressores e vítimas após a violência. Neste caso, os agressores informaram que se sentem culpados e as vítimas declararam que se sentem amedrontadas e envergonhadas. Entre os 2012/2013, no município de Juiz de Fora/MG, através de um estudo de levantamento, objetivou-se investigar a violência contra o homem perpetrada por sua parceira íntima. Para coleta foram realizadas entrevistas semiestruturadas com psicólogos, assistentes sociais e seus respectivos estagiários e entrevistas individuais presenciais com homens vítimas de suas parceiras (Cezario, 2014). Da amostra 95.0% dos profissionais e estagiários apontaram a possibilidade de o homem também ser vítima da VPI enquanto que 37.5% declararam terem atendido homens nesta situação. Quanto à amostra de homens vítimas um dos entrevistados relatou:

Eu sofri violência física e psicológica. No início do namoro eu apanhava. Desisti; ela me pediu perdão, me bateu novamente. Eu me separei. Todos na família sabiam. Ela pediu perdão e nunca mais me agrediu. Há 20 anos vivemos bem. Ela me humilha às vezes, mas sempre pede perdão. (Cezario, 2014, p. 129)

Lourenço e colaboradores (2013) afirmam que muitas são as implicações da VPI e que seus impactos atingem não somente as vítimas e agressores, mas também as pessoas próximas de seus círculos familiares e convivência. Tais impactos podem apresentar efeitos latentes e neste sentido atingir o indivíduo de forma global, afetando sua autoestima, autonomia, saúde, bem-estar, produtividade e capacidade de cuidar de

si mesmo. O mesmo autor destaca ainda algumas consequências da VPI:

Abuso de álcool e outras substâncias, disfunções sexuais, doenças sexualmente transmissíveis, alterações no sono e na alimentação, problemas como ansiedade, depressão, transtorno de estresse pós-traumático, sentimentos de inferioridade, ideações ou tentativas de suicídio, subordinação e aprisionamento, também são consequências comuns desse tipo de violência. (Lourenço, 2013, p. 92)

Com relação ao consumo de álcool, Zaleski e colaboradores (2010) destacam a existência de associação positiva entre os problemas relacionados ao consumo e a VPI. O autor afirma que a probabilidade da perpetração da violência está correlacionada ao consumo de álcool, destacando que a ocorrência de VPI pode ser 19 vezes mais alta em dias de consumo elevado. Além disso, Maldonado (2014) enfatiza que o abuso de álcool limita a capacidade de controlar impulsos, destacando que o indivíduo com histórico mais grave de abuso físico na infância e consumo de álcool pode experimentar impulsos mais agressivos quando instigados, em decorrência das respostas aprendidas. Dessa forma, Chermack e colaboradores (2008) destacam o impacto da influência familiar na história de vida de homens e mulheres, que sofreram violência parental, afirmando que a história familiar e suas variáveis (alcoolismo, drogas, depressão), bem como a história de abuso físico, apresentam associação positiva com os níveis de agressão. Portanto, uma das implicações da VPI é a ocorrência de problemas emocionais de forma concomitante ou *a posteriori* à ocorrência das agressões. Segundo Hatzenberger, Lima, Lobo, Leite e Kristensenc (2010) os prejuízos podem se dar através de sintomas depressivos e ansiosos, disfunção sexual, desordens da alimentação; bem como o risco de suicídio, abuso de álcool e drogas e, principalmente, Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT).

Quanto aos estudos que objetivaram relacionar alguns transtornos de ansiedade com a violência entre parceiros íntimos, Hanby, Fales, Nangle, Serwikand e Hedrich (2012) apontaram a Ansiedade Social como um preditor à agressão entre casais adolescentes. Foram examinados dois tipos de agressões: física (incluindo a

realização de atos sexuais forçados) e psicológica. Os autores mencionam o medo de avaliações negativas, característica do Transtorno de Ansiedade Social (American Psychiatric Association, 2014, p. 202), como um forte preditor da violência quando se tratou dos homens agressores encontrados na amostra. Ansara e Hindin (2010), em um estudo realizado no Canadá em 2004, afirmam que vítimas de violência psicológica, principalmente mulheres, ao experimentarem um padrão grave e crônico de agressões e controle de comportamento tendem a desenvolver altos níveis de medo com graves prejuízos para suas vidas. Prejuízos, estes, que poderão se desencadear em transtornos psicológicos, dentre eles de ansiedade e/ou depressão.

Diante dos dados apresentados e da importância de se estudar a VPI em homens, o objetivo desta revisão sistemática foi identificar a ocorrência da violência contra o homem perpetrada por sua parceira íntima na literatura buscando estudos que pudessem trazer mais dados sobre seus impactos e comorbidades como o abuso de substâncias, a ansiedade e a depressão.

Metodo

O trabalho objetivou investigar a prevalência da violência entre parceiros íntimos contra o homem perpetrada por sua parceira íntima nos estudos analisados. Ao examinar a presença do fenômeno e suas implicações, buscou-se identificar a avaliar algumas hipóteses como: a) a existência da VPI contra o homem perpetrada por sua parceira íntima, b) a presença do uso/abuso de substâncias nas situações da VPI contra o homem, c) as agressões psicológicas sendo o tipo de violência contra o homem mais apontada na literatura e d) a depressão e ansiedade como comorbidades associadas à VPI.

Diante disso, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, contemplando artigos pesquisados eletronicamente nas bases de dados: Web of Science, Scielo, PubMed, Scopus e PsycINFO, buscados até junho de 2015. Os termos de busca utilizados foram: Violência entre parceiros íntimos contra o homem, Violência entre casais, Violência conjugal, Intimate partner violence against men, Spousal abuse, Family violence against men e Family violence by women.

Os critérios de inclusão foram a) ser uma publicação que tratasse da VPI contra o homem perpetrada por sua (seu) parceira (o), b) a disponibilização completa e gratuita do material e c) Artigos presentes

nas bases Web of Science, Scopus, Scielo, PubMed e PsycINFO. Já os critérios de exclusão se deram por a) artigos que não tratavam da temática, b) material duplicado, c) publicações em línguas diferentes do inglês, português e espanhol.

A primeira etapa após a coleta dos artigos nas cinco bases de dados escolhidas foi a exclusão das publicações repetidas. Em seguida, tais materiais foram analisados na seguinte ordem: primeiro realizou-se uma leitura dos títulos das publicações e exclusão daquelas que não se remetiam ao tema abordado. Subsequentemente foi feita uma leitura dos resumos dos artigos restantes e assim, excluídas as publicações que não mencionaram a violência contra o homem especificamente. Após as duas etapas, foi realizada a busca pelos artigos completos disponibilizados gratuitamente chegando-se a amostra final de 101 publicações para análise das categorias sistemáticas.

No que se refere às categorias sistemáticas, foram pesquisadas as seguintes informações: a) ano, b) país em que a pesquisa foi realizada, c) nome da revista, d) tipologia da violência, ou seja, os tipos de violência apontadas, como física, psicológica e sexual, e) se o artigo propunha intervenção à VPI, f) comorbidades associadas, g) autoria, h) tipo de amostra, i) delineamento, j) vítimas e agressores apontados nos estudos, k) uso/abuso de substâncias, l) depressão, m) ansiedade; e n) menção ou não da VPI em relações homoafetivas. Torna-se importante mencionar aqui que mesmo com o objetivo de buscar artigos e estudos que abordassem apenas a violência contra o homem perpetrada por sua parceira íntima, as categorias “vítimas” e “agressores” tornam-se necessárias em função de muitos estudos abordarem a violência sofrida e perpetrada ao mesmo tempo.

A metodologia escolhida para análise das categorias foi quantitativa e qualitativa, através da estatística descritiva de frequências e porcentagens, bem como a análise de conteúdo (Bardin, 2011) respectivamente. Os programas utilizados para a descrição das etapas, armazenamento e análise dos artigos foram o Google Drive, EndNote Web e o Microsoft Office Excel 2010 para exame das categorias citadas.

Resultados

Tabela 1 Ano de Publicações da Amostra Analisada

Período	Frequência	Percentual
2008 - 2012	42	41,58%
2003 - 2007	20	19,80%
2013 - 2015	19	18,81%
1998 - 2002	13	12,87%
1988 - 1997	7	6,93%
Total	101	100%

Em relação aos tipos de publicações, 65 (64.36%) tratavam-se de estudos qualitativos e quantitativos, 29 (28.71%) quantitativos e 7 (6.93%) qualitativos. Já em relação ao tipo de delineamento 86 (85.15%) das pesquisas eram transversais, enquanto que 15 (14.85%) eram longitudinais. Quanto às amostras analisadas nos artigos lidos, 79.21% das publicações utilizaram tanto homens quanto mulheres como sujeitos de pesquisas, apontando novamente para a violência bidirecional, ou seja, onde não há especificamente somente vítimas ou agressores. Os outros dados encontram-se na Tabela 2. Algo semelhante pode ser visto na Tabela 3 onde são apontados as principais vítimas e agressores mencionados nas publicações. Percebe-se ainda que, mesmo ao se tratar de uma revisão sistemática de literatura cujo objetivo era investigar publicações acerca do homem como vítima de sua parceira, o mesmo ainda aparece como agressor numericamente mais citado do que as mulheres nas publicações.

Tabela 2. Principais vítimas e agressores apontados nas publicações analisadas.

Gênero	Vítima	Percentual	Agressor	Percentual
Ambos	81	80,20%	79	78,22%
Mulheres	10	9,90%	8	7,92%
Homens	10	9,90%	14	13,86%
Total	101	100%	101	100%

Tabela 3. Tipo de amostra utilizada nas publicações analisadas.

Amostra	Frequência	Percentual
Homens e mulheres	80	79,21%
Homens	13	12,87%
Mulheres	8	7,92%
Total	101	100,00%

No que se refere às propostas de intervenções apontadas, apenas 36 publicações, o equivalente a 35.64% da amostra analisada, mencionaram algum tipo ação interventiva. Sendo o restante apenas artigos de levantamentos. Refletindo no pequeno número de trabalhos que podem contribuir para a diminuição da violência entre parceiros íntimos. Em relação às 36 publicações que realizaram intervenção, 19 (52.78%) declararam ações para às vítimas, 8 (22.22%) aos agressores, 8 (22.22%) para ambos e 1 (2.78%) aos familiares de uma forma geral.

Quanto aos construtos de ansiedade, depressão e abuso de substâncias foram encontradas algumas publicações que os correlacionaram com a violência entre parceiros íntimos. Convergindo com a própria literatura (Caetano, Schafer & Curandi, 2001), a comorbidade que mais aparece, nos artigos analisados, correlacionada com a VPI é o uso/abuso de substâncias, onde através da Tabela 4, percebe-se que 47,52% das publicações abordaram as drogas como objeto de suas pesquisas. Já no que se refere à ansiedade e à depressão este índice cai, apontando assim o pequeno número de publicações que mencionam tais comorbidades.

Tabela 4. Ansiedade, Depressão e Abuso de Drogas relacionadas à VPI.

Comorbidades	Sim	%	Não	%	Total	Total %
Abuso de Substâncias	48	47,52%	53	52,48%	101	100,0%
Depressão	26	25,74%	75	74,26%	101	100,0%
Ansiedade	11	10,89%	90	89,11%	101	100,0%

Sobre as definições apontadas nas publicações, o termo “Violência entre Parceiro Íntimo” esteve presente em 53.47% dos artigos analisados; seguido de “Violência Doméstica” com 21.78%; “Spousal Abuse” 6,93%, “Violência Intrafamiliar” 5,94%, “Violência” 3,96%, “Violência Perpetrada” 1,98% e “Intimate Terrorism”, “Coerção Sexual”, “Violência de Gênero” e “Violência Íntima” com o percentual de 0,99% cada. Na amostra ainda foram obtidos dois artigos que equivalem a 1,98% da amostra que não definiram a violência estudada. Por último, no que se refere aos dados frequenciais e percentuais das categorias analisadas através da estatística descritiva, observa-se que grande parte dos estudos (43 publicações), ainda focam-se em avaliar a violência somente em relações heterossexuais, seguido de 45 estudos que não mencionam o tipo de relações abordadas, 10 que apresentaram apenas estudos com

relações homo afetivas e 3 que estudaram amostras heterossexuais e homossexuais.

Em relação às duas categorias qualitativas que foram realizadas a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011): Comorbidades Apresentadas e Tipo de Violência Abordada, os resultados são apresentados a seguir.

Na primeira, obteve-se com maior citação os Transtornos Psicológicos sendo mencionados em 50.68% da amostra. As unidades de registro que mais se destacaram foram: “Transtornos de Personalidade” 11 (15,07%), “Transtornos de Ansiedade e TEPT – Transtorno do Estresse Pós-Traumático” 11 (15,07%) e “Doenças mentais” 8 (10.96%). Outra categoria que se fez expressiva nesta questão foi denominada como Comportamentos Violentos, onde do total da amostra analisada foi mencionada em 19.18% das citações. Suas unidades de registro foram: “Abuso na infância” 6 (8.22%), “Relacionamentos estressantes” 5 (6.85%) e “Agressões” 3 (4.11%).

Para finalizar os resultados da revisão sistemática de literatura, dos tipos de agressões investigadas nos artigos, a categoria “Violência Física” esteve presente em 44.20% das publicações, seguida da categoria “Violência Psicológica” em 31.25% e da “Violência Sexual” em 21.88%. Tais resultados convergem com a definição dada pela Organização Mundial da Saúde (Krug, et al., 2002) que menciona estes três tipos de agressões como as principais em um relacionamento íntimo. Além dessas categorias, a “Violência Patrimonial representou 2,23% dos casos enquanto que a “Violência Moral” foi mencionada apenas em 0,45% das publicações analisadas. Tais categorias foram citadas 224 vezes.

Discussão

O presente trabalho buscou investigar a violência entre parceiros íntimos contra o homem perpetrada por sua parceira íntima. Desta forma, através das análises dos artigos nas bases de dados Web of Science, Scielo, Pubmed, Scopus e Psycinfo foi possível confirmar algumas hipóteses levantadas ao longo do estudo. No que se refere à primeira hipótese confirmada neste estudo, relativa à existência da VPI contra o homem perpetrada por sua parceira, foi possível obter evidências da vitimização masculina em algumas categorias pesquisadas como: a amostra, as vítimas e os agressores. Observa-se que quase 80% das publicações trouxeram estudos que apontam tanto

a mulher quanto o homem como vítimas da VPI. Resultados que convergem com alguns autores como Strauss que desde a década de 80/90 (Hasselmann & Reichenheim, 2003) propõe a possibilidade da existência da violência sofrida e perpetrada pelos parceiros em uma relação conjugal. Além de Strauss, autores como Le Franc, Samms-Vaughan, Hambleton, Fox e Brown (2008) também vão mencionar a presença de homens vítimas da VPI perpetrada por suas parceiras íntimas em seus respectivos estudos nos países de Barbados, Jamaica e Trinidad e Tobago. Ainda dentro da hipótese da violência contra o homem perpetrada por sua parceira íntima, percebe-se, entretanto que mesmo com o aumento destes índices, a mulher permanece como a principal vítima da violência conjugal semelhante a outras pesquisas, como apontam Borsoi, Brandão e Cavalcanti (2009); Schraiber, D'Oliveira, França, Diniz, Portella, Ludermir e Valença (2007). Contudo é importante afirmar que a existência de mais dados que corroborem que a mulher, na maioria dos casos notificados, é a principal vítima da VPI não isenta o homem de sofrer agressões físicas, psicológicas, sexuais, patrimoniais e/ou morais de suas respectivas parceiras.

A segunda hipótese, caracterizada pela presença do uso/abuso de substâncias nas situações de agressões, também é confirmada através de menções pelos artigos correlacionando tais constructos. Na tabela 4, onde são apresentadas as relações entre abuso de substâncias e a VPI, percebe-se que quase metade das publicações aponta para uma correlação positiva. Corroborando com a literatura que vem estudando se a atuação e intervenção nos casos de abuso de substâncias poderiam diminuir a violência, mais especificamente como aqui investigado, as agressões entre parceiros íntimos (Gebara, Bhona, Vieira, Ferri, Lourenço & Noto, 2013). Percebe-se que tais substâncias potencializam discussões, desavenças e podem até resultar em agressões físicas, psicológicas e/ou sexuais.

Carlini, Galduróz, Noto e Nappo (2006) vão dizer que o abuso de álcool e outras drogas, assim como a violência, devido à gravidade que se tornaram nos dias de hoje, têm se configurado como um problema de saúde pública, resultando em danos de elevadas proporções à sociedade. Outro dado encontrado nesta revisão que vem a confirmar tal correlação encontra-se na categoria de análise referente aos periódicos de publicação. Conforme descrito nos resultados, o terceiro periódico com mais artigos publicados na amostra analisada foi o “Drug and Alcohol Dependence”

apontando para a tendência de se estudar e pesquisar a violência na presença do abuso de substâncias. Desta forma, percebe-se que o abuso de substâncias é variável importante no estudo deste tipo específico de violência, tanto para situações de vitimização quanto de perpetração na VPI.

Os dados desta revisão apontam também para as relações da depressão e da ansiedade confirmando a quarta hipótese de que seriam comorbidades associadas à violência entre parceiros íntimos. Entretanto, ao analisar os resultados, é possível observar que ambos os constructos são apresentados em menor índice se comparados ao abuso de álcool e outras drogas. Porém também trazem correlações positivas entre a VPI e sintomas de ansiedade e depressão. Percebe-se ainda que os resultados apontam mais estudos que correlacionam a depressão com a violência do que esta última com a ansiedade. De acordo com o Manual de Doenças Mentais V os “Transtornos de Ansiedade incluem transtornos que compartilham características de medo e ansiedade excessivos e perturbações comportamentais relacionados. Medo é a resposta emocional a ameaça iminente real ou percebida, enquanto ansiedade é a antecipação de ameaça futura.” (APA, 2014, p. 189). Através de tal definição, torna-se importante mencionar a presença do medo como um constructo também relacionado à presença da violência entre parceiros íntimos interferindo na formação de sintomas ansiosos.

E por fim, a última hipótese que buscou investigar se as agressões psicológicas seriam o tipo mais apontado de violência pela literatura nas situações de VPI contra o homem. Esta foi a única hipótese não confirmada neste estudo já que, de acordo com a análise qualitativa de Bardin (2011), a violência física foi a mais apontada nos artigos totalizando 44,20% da amostra analisada. Entretanto não podemos deixar de mencionar que as agressões psicológicas foram apontadas em 31,25% das publicações sendo definidas e conceituadas como agressões psicológicas, verbais, emocionais, controle coercitivo, perseguição, negligência e intimidação. Resultados que ainda assim coincidem com a pesquisa nacional realizada por Bhona (2011), na qual encontrou taxas de 70% para prevalência da violência psicológica praticada por mulheres contra seus respectivos parceiros íntimos.

Além das hipóteses levantadas e apontadas, torna-se importante mencionar outros resultados obtidos nesta revisão sistemática de literatura, como a pequena

porcentagem de artigos que se propunham a realizar intervenções para a violência entre parceiros íntimos. Tal número demonstra ainda uma tendência que se configura na produção de estudos de levantamentos quantitativos transversais que se objetivam apenas a descrever e apontar dados em relação à violência conjugal. E a presença mínima de estudos que mencionaram a violência em relacionamentos de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis (LGBTs) como apontam Rothman, Exner e Baughman (2011) e Welles, Corbin, Rich, Reed e Raj (2011) ao apontarem dados existentes de violência nestes tipos específicos de relacionamentos.

Como pontos fracos deste estudo, observa-se o pequeno número de artigos analisados em função do critério de inclusão: gratuidade da publicação. Espera-se que futuramente, novos estudos de revisão de literatura possam trazer análises com amostras maiores podendo refletir de forma mais realista o cenário atual da violência entre parceiros íntimos contra o homem perpetrada por sua parceira íntima, seus impactos e comorbidades associadas.

Conclusão

Conclui-se que o presente estudo atingiu seu objetivo, conseguindo avaliar e discutir a violência

entre parceiros íntimos contra o homem perpetrada por sua parceira íntima, seus impactos e comorbidades associadas de acordo com a literatura. Além de confirmar algumas hipóteses levantadas, como a existência da violência contra o homem perpetrada por sua parceira íntima, as relações da VPI com o abuso de substâncias e a presença da ansiedade e da depressão como possíveis impactos e comorbidades da violência sofrida.

Ao analisar os trabalhos publicados percebe-se um crescimento considerável em relação ao estudo da temática da VPI contra o homem ao longo do tempo, o que demonstra a importância desta revisão que se propõe a estudar e problematizar a presença da vitimização masculina na violência conjugal em meio a ainda poucos estudos se comparados à violência contra a mulher no mundo.

Observa-se ainda a necessidade de novos e mais aprofundados estudos sobre a temática que possam propiciar além de levantamentos acerca de vítimas da VPI, mas apontar e apresentar possíveis intervenções e ações a serem realizadas tanto em nível de assistência, como em nível de prevenção e promoção de saúde da população exposta à violência entre parceiros íntimos.

Referências

- Alvim, S. F.; & Souza, L. (2004). Homens, mulheres e violência (1º Edição). Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Alvim, S. F. ; & Souza, L. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva correlacional: Homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(2), 171-206.
- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (5th Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Ansara, D. L., & Hindin, M. J. (2010). Formal and informal help-seeking associated with women's and men's experiences of intimate partner violence in Canada. *Social Science and Medicine*, 70, 1011-1018. Doi: 10.1016/j.socscimed.2009.12.009
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bhona, F. M. C. (2011). Violência doméstica e consumo de álcool entre mulheres: Um estudo transversal por amostragem na cidade de Juiz de Fora-MG. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora). Recuperado de <http://www.ufjf.br/ppgpsicologia/files/2010/01/Fernanda-Monteiro-de-Castro-Bhona.pdf>
- Borsoi, T. S. ; Brandão, E. R.. & Cavalcanti, M. L. T. (2009). Ações para o Enfrentamento da Violência Contra a Mulher em Duas Unidades de Atenção Primária à Saúde no Município do Rio de Janeiro. *Revista Interface – Comunicação Saúde e Educação*, 13(28), 165-74. doi:10.1590/S1414-32832009000100014
- Brasil. (2006). Lei Federal no11.340 (Lei Maria da Penha). Recuperado: 17/12/ 2013 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. (2002). Violência Intrafamiliar. Orientações para a prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf
- Breiding, M. J., Black, M. C., & Ryan, G. W. (2008). Prevalence and Risk Factors of Intimate Partner Violence in Eighteen U.S. States/ Territories 2005. *American Journal of Preventive Medicine*, 34(2), 112-118. doi: 10.1016/j.amepre.2007.10.001
- Caetano, R., Schafer, J. & Curandi, C. B. (2001). Alcohol – related intimate partner violence among White, black and Hispanic couples in United States. *Alcohol Research and Health*, 25(1), 58- 65.
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C. E., Noto, A. R., & Nappo, S. A. (2006). II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: Estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. SENAD - Secretaria Nacional Antidrogas, Gabinete de Segurança Institucional - Presidência da República
- Carronda, H. C. S. M. S. (2013). *Violência Conjugal* (Dissertação de mestrado, Departamento de Direito, Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal). Recuperado de <http://repositorio.ual.pt/handle/11144/394>
- Cezario, A.C. (2014). *O homem como vítima da violência por sua parceira íntima no município de Juiz de Fora-MG* (Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais). Recuperado de <http://www.ufjf.br/ppgpsicologia/files/2010/01/Ana-Claudia-Ferreira-Cez%C3%A1rio.pdf>
- Chermack, S. T., Murray, R. L., Walton, M. A., Booth, B. A., Wryobeck, J & Blow, F. C. (2008) Partner Aggression among Men and Women in Substance Use Disorder Treatment: Correlates of Psychological and Physical Aggression and Injury. *Drug Alcohol Depend*, 98, 35-44. doi: 10.1016/j.drugalcdep.2008.04.010
- Dragiewicz, M. & De Keseredy, W. S. (2012). Claims about women's use of non-fatal force in intimate relationships: a contextual review of Canadian research. *Violence Against Women*, 18 (9), 1008-1026. doi: 10.1177/1077801212460754
- Durand, J. G., Schraiber, L. B., França-Júnior, I. & Barros, C. (2011). Repercussão da exposição à violência por parceiro íntimo no comportamento dos filhos. *Revista da saúde Pública*, 45(2), 355-364. doi:10.1590/S0034-89102011005000004
- Gebara, C. F., Bhone, F. M., Vieira, M. T., Ferri, C. P., Lourenço, L. M., & Noto, A. R. (2013). Effectiveness of a brief intervention for alcohol consumption among Brazilian women in a household setting. *Addiction Science and Clinical Practice*, 8(1), 18-20. doi: 10.1186/1940-0640-8-S1-A31
- Hanby, M. S. R., Fales, J., Nangle, D. W., Serwikand, A. K., & Hedrich, U. J. (2012). Social anxiety as a predictor of dating aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(10), 1867-1888. doi: 10.1177/0886260511431438
- Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2003). Adaptação transcultural da versão em português da Conflict Tactics Scales Form R(CTS-1), usada para aferir violência no casal: Equivalências semântica e de mensuração. *Caderno de Saúde Pública*, 19(4), 1083-1093. doi: 10.1590/S0102-311X2003000400030.
- Hatzenbergera, R., Lima, A. P. V. R., Lobo, B., Leite, L. & Kristensenc, C. H. (2010) Posttraumatic stress disorder and cognitive impairments in women victims of intimate partner violence. *Ciência & Cognição*, 15, 094-110.
- Hines, D. A. & Straus, M. A. (2007) Binge Drinking and Violence Against Dating Partners: The Mediating Effect of Antisocial Traits and Behaviors in a Multinational Perspective. *Aggressive Behavior*, 33, 441-457.
- Institute for Economics & Peace. (2015). Global Peace Index. Measuring peace, its causes and its economic value. Recuperado de http://www.visionofhumanity.org/sites/default/files/Global%20Peace%20Index%20Report%202015_0.pdf
- Krug, E.G.; Dahlberg, L.L.; Mercy, J.A.; Zwi, A.B., & Lozano, R. (Ed.) (2002). *World report on violence and health*. Geneva, Switzerland: World Health Organization.
- Krug, E.G.& Dahlberg, L.L. (2006). Violence: A global public health problem. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178.
- Le Franc, E., Samms-Vaughan, M., Hambleton, I., Fox, K., & Brown, D. (2008). Interpersonal violence in three Caribbean countries: Barbados, Jamaica, and Trinidad and Tobago. *Revista 45 Panamericana De Salud Publica-Pan American Journal of Public Health*, 24(6), 409-421. doi: 10.1590/S1020-49892008001200005

- Lourenço, L. M.; Baptista, M. N.; Almeida, A., A.; Basílio, C.; Koga, B., M.; Hashimoto, J. K. ; Stroppa, T. V. S.; Bhone, F. M. & Andrade, G. C. (2013) Panorama da violência entre parceiros íntimos: Uma revisão crítica da literatura. *Revista Interamericana de Psicología*, 47, 91-100.
- Maldonado, R. C. ; Watkins, L. E. & Di Lillo, D. (2014). The Interplay of Trait Anger, Childhood Physical Abuse, and Alcohol Consumption in Predicting Intimate Partner Aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, XX[14], pp.1-16. [15].
- Minayo, M. C. S (1994). Social Violence from a Public Health Perspective. *Caderno Saúde Pública*, 10, 7-18.
- Oliveira, D. C., & Souza, L. (2006). Gênero e violência conjugal: Concepções de psicólogos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6(2), 34-50.
- Portugal. Secretaria Geral do Ministério da Administração Interna. (2015). Violência Doméstica - 2014. Relatório anual de monitorização. Lisboa: Ministério da Administração Interna. Recuperado de http://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/RelatorioAM_VD_2014_SGMAI.pdf
- Rothman, E., Exner, D., & Baughman, A. (2011). The Prevalence of Sexual Assault Against People Who Identify as Gay, Lesbian, or Bisexual in the United States: A Systematic Review. [Article]. *Trauma Violence & Abuse*, 12(2), 55-66. doi: 10.1177/s1524838010390707
- Schraiber, L.B.; D'Oliveira, A. F. P.; & Couto, M. T. (2006). Violence and health: Recent scientific studies. *Rev Saúde Pública*, 40, 112-120.
- Schraiber, L. B., D'Oliveira, A. F., França, I., Diniz, S., Portella, A. P., Ludermir, A. B., & Couto, M. T. (2007). Prevalência da Violência Contra a Mulher por Parceiro Íntimo em Regiões do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 41(5), 797-807. doi: 10.1590/s0034-89102007000500014
- Shrader, E.; & Sagot, M. (2000). Domestic violence: women's way out. Pan American Health Organization. Washinton: States Unites of America. Recuperado de <http://www1.paho.org/hq/dmdocuments/2011/GDR-Domestic-Violance-Way-Out-EN.pdf>
- Silva, L. L., Coelho, E. B. S. & Caponi, S. N. C. (2007). Silent violence: Psychological violence as a condition of domestic physical violence. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 11, n.21, 93-103.
- Welles, S.; Corbin, T., Rich, J., Reed, E., & Raj, A. (2011). Intimate Partner Violence Among Men Having Sex with Men, Women, or Both: Early-Life Sexual and Physical Abuse as Antecedents. [Article]. *Journal of Community Health*, 36(3), 477-485. doi: 10.1007/s10900-010-9331-9
- Zaleski, M.; Pinsky, I., Laranjeira, R.; Mikler, S. R. & Caetano, R. (2010). Intimate partner violence and alcohol consumption. *Rev Saúde Pública*, 44, 53-59.

Fecha de recepción: 22/05/2016

Fecha de aceptación: 04/05/2017